

EMPODERAMENTO FEMININO - FONTE DE INCENTIVO À INDEPÊNDECIA DA MULHER.

VAZ, Daiane F. C.

Associação Cultural e Educacional de Itapeva
Discente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

CUNHA, Gláucia R. M. G. da

Associação Cultural e Educacional de Itapeva
Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

As mulheres por muito tempo dedicaram-se exclusivamente aos afazeres domésticos e cuidados para com seus filhos e esposo. Foi esta visão que a sociedade alimentou por séculos delas. Acreditava-se que as mulheres estavam pré-destinadas ao ambiente familiar, não lhes sendo permitido adentrar no mercado de trabalho, pois, apenas aos homens era permitido esse papel, uma vez que à eles eram incumbido as responsabilidades de sustento do lar. Tempos se passaram, e lentamente esses paradigmas se romperam, em meio a muitas revoltas e protestos. As mulheres reivindicaram por igualdade de gêneros de forma que também elas pudessem compor a fatia da classe trabalhadora. Conquistaram direitos, buscaram instrução acadêmica e se profissionalizaram. O presente artigo tem como objetivos conhecer o processo de independência e autonomia conquistada pelas mulheres, assim como discutir a evolução do papel da mulher na sociedade e, analisar as influências que o empoderamento feminino propiciou às mulheres que adentraram ao mercado de trabalho. A pesquisa é caracterizada como bibliográfica com revisão de livros, artigos e sites a cerca do tema.

Palavras-chave: Empoderamento Feminino, Gênero, Mulher, Feminismo.

ABSTRACT

Women have long devoted themselves exclusively to housework and caring for their children and their spouse. It was this vision that society has nourished for centuries. It was believed that women were pre-assigned to the family environment and were not allowed to enter the labor market, since only men were allowed to play this role, since they were entrusted with the household's living

responsibilities. Times have passed, and slowly these paradigms have broken, amidst many revolts and protests. Women claimed for gender equality so that they too could compose the share of the working class. They gained rights, sought academic instruction, and became professionalized. The objective of this article is to understand the process of independence and autonomy won by women, as well as to discuss the evolution of the role of women in society and to analyze the influences that female empowerment has brought to women who have entered the labor market. The research is characterized as bibliographical, with review of books, articles and websites about the theme.

Key-words: Women's Empowerment, Gender, Women, Feminism.

1. INTRODUÇÃO

O papel da mulher na sociedade se modificou ao longo dos anos, de forma que para se chegar até os dias de hoje com um nível considerável de independência e de autonomia que possuem, muitas de nossas precursoras foram hostilizadas e marginalizadas pela coletividade na época.

Na Era Primitiva, o papel da mulher estava limitado ao trabalho no campo, cultivando jardins, plantando hortaliças e colhendo frutos, pois, acreditava-se que desta forma elas estariam contribuindo para a expansão e manutenção do seu povo. Já aos homens, competiam as funções de caça e pesca (BEAUVOIR, 1970).

Tempos depois, a mulher passou a ser reconhecida como objeto de propriedade dos homens, se submetendo aos desejos e vontades deles. Naquele momento, as mulheres eram vistas como um ser incapaz intelectualmente, pois acreditava-se que aos homens era atribuído um maior e significativo grau de inteligência, uma vez que eram eles os principais responsáveis pela criação de artefatos e manipulação de instrumentos, lideravam povoados e comandavam seus subalternos (BEAUVOIR, 1970).

Desta forma, por um longo período de tempo as mulheres estavam predestinadas, por meio da sociedade, à execução de tarefas domésticas e para o cuidado e educação dos filhos, impreterivelmente ligadas ao ambiente familiar.

Mais tarde, reconheceu-se a necessidade de um compartilhamento das despesas domiciliares, e a partir de então iniciou-se o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, simultâneo início da Revolução Industrial.

Quando as mulheres adentraram em ambientes fabris, logo perceberam que as condições de trabalho não eram as melhores. Sofreram com extensas jornadas de trabalho, com os assédios, e com a desvalorização salarial, uma vez que eram vistas como mão-de-obra barata. Em decorrência destes e muitos outros relatos, inúmeras manifestações surgiram em prol de mudanças deste cenário hostil.

Com o desenrolar da I e II Guerras Mundiais, os homens foram recrutados para os campos de batalha, tendo de deixar seus lares (com esposas e filhos) e seus postos de trabalho. Com isso, as mulheres notaram que não tinham de onde provir o sustento para si própria e nem para seus filhos. Desta maneira, elas foram à procura de emprego como forma de garantia de subsistência de sua prole. Foi a partir de então que elas se submeteram à ocupar as vagas de trabalho que outrora fora ocupada por seus maridos, principalmente no setor industrial.

Ainda que não totalmente, deu-se início o processo de desvinculação da mulher ao ambiente doméstico, impulsionando a mesma à almejar uma carreira profissional, embora circunspecta.

No Brasil, as mulheres também pleitearam por seus direitos, como o direito ao voto, a interdição do trabalho da mulher grávida a partir de um determinado período de gestação, a fixação de um intervalo de tempo para o exercício de suas atividades, entre outros.

Após inúmeras e incessantes batalhas por reconhecimento de igualdade de gênero, as mulheres foram lentamente despontando no mercado de trabalho, chegando tempos mais tarde a assumir funções que jamais imaginava-se que uma mulher poderia ocupar, inclusive cargos de alto escalão. (LIMA E CASTRO, 2015).

Diante deste contexto, levanta-se a seguinte questão: como ocorreu o processo de independência e de autonomia conquistada pelas mulheres no ambiente organizacional?

A partir deste questionamento são levantadas as seguintes hipóteses: maior nível de escolaridade, aquisição de direitos, utilização da pílula anticoncepcional ou a prática do ato de empoderar.

Portanto, define-se como objetivo geral deste trabalho conhecer o processo que levou a mulher a conquistar sua independência e autonomia.

Como objetivos específicos definem-se em discutir o processo de evolução do papel da mulher na sociedade e, analisar as influências que o empoderamento feminino propiciou às mulheres que adentraram ao mercado de trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Regressando ao passado histórico da mulher, num período denominado como Idade da Pedra, defendia-se que a força feminina estava limitada ao trabalho do campo, singularmente ao cultivo dos jardins, decorrente de tempos que a terra era um bem comum a todos os integrantes de um clã (BEAUVOIR, 1970).

Tempos mais tarde, o homem fez significativas descobertas que contribuíram para o aprimoramento das atividades econômicas, como a descoberta do cobre, do estanho, do bronze e do ferro. Inventou-se a charrua, instrumento de grande importância para o domínio e melhoramento das atividades agrícolas, além de iniciar as explorações das florestas, assim como, tomou posse de campos produtivos (BEAUVOIR, 1970).

Tantas transformações ocorreram que, em determinado momento, o homem passou a servir-se da prestação de serviços de outros homens, submetendo-os às condições de escravidão. Em seguida, com o surgimento do conceito de propriedade privada, e como consequência desta relação de proprietário dos escravos e da terra, a mulher passa também a ser tratada como propriedade do homem, estando a mesma submissa aos seus desejos e vontades. (BEAUVOIR, 1970).

A partir do século XVIII, homens sobremodo democratas, começaram lentamente a mudar o conceito que se tinha sobre o papel da mulher na sociedade.

Desde então, o assunto começou a ser tratado com mais interesse e cautela. Alguns democratas esforçaram-se a defender o gênero com ardor, procurando meios de evidenciar que a mulher, assim como o homem, também é um ser humano (BEAUVOIR, 1970).

Pela necessidade de partilhar ou assumir totalmente as despesas do lar, deu-se início o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, concomitante ao início da Revolução Industrial, na qual identificou-se que as mulheres seriam o diferencial do setor produtivo, uma vez que as mesmas eram classificadas como mão-de-obra barata e como um gênero mais fácil de ser inspecionado. Eis que nesse momento surge a mulher operária. (BAYLÃO E SCHETTINO, 2014)

Nas fábricas onde a disciplina do operariado era mais urgente, descobriu-se que era mais conveniente empregar as dóceis (e mais baratas) mulheres e crianças: de todos os trabalhadores nos engenhos de algodão ingleses em 1834-47, cerca de um - quarto eram homens adultos, mais da metade era de mulheres e meninas, e o restante de rapazes abaixo dos 18 anos (HOBSBAWN, 2015 p. 36 *apud* BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Em 1901, o quadro de trabalhadores na indústria têxtil já era formado pela maioria de mulheres e crianças, compondo mais de 70% da mão-de-obra daquele setor. Ganhavam um salário muito menor do que aos dos homens, sendo que executavam as mesmas tarefas que eles. A jornada de trabalho estendia-se de 12 a 14 horas no ambiente fabril, sem contar que muitas delas ainda tinham de trabalhar como costureiras em casa. (BLAY, 2001).

O fato dos homens terem sido recrutados para à Primeira e Segunda Guerra Mundial, no intervalo de tempo de 1914 a 1918 e, 1939 a 1945 respectivamente, contribuiu para que as mulheres fossem inseridas no mercado de trabalho, uma vez que, elas passaram a exercer atividades de cunho fabril, pois, naquele momento não havia mão-de-obra suficiente, principalmente masculinas para isso. Além do que, a necessidade de custear as despesas domésticas colaborou para que as mulheres agarrassem uma oferta de trabalho, pois, a partir daquele momento elas passariam a chefiar seus lares (PROBST, 2003).

Probst (2003) complementa que, antes do desdobramento da I e II Guerra Mundial, acreditava-se no conceito de que a figura feminina não necessitava trabalhar, tampouco poderia ganhar seu próprio dinheiro, com ressalva às mulheres

viúvas ou demasiadamente pobres, que, não tendo de onde provir seu sustento, submetiam-se ao trabalho, além do que, estavam sujeitas ao título de não representarem pessoas de boa reputação perante a sociedade.

Foi um momento no qual a mulher começou a se desvincular do espaço doméstico e passou a ocupar o espaço laboral, ostentando assim uma profissão. Pode-se dizer que, “nesta ocasião a mulher deixou de ser esposa e mãe somente, para ser, também, operária, enfermeira, professora, e com o passar do tempo, arquiteta, juíza, motorista de ônibus e outras” (OLIVEIRA E PEREIRA, 1997 *apud* D’ALONSO, 2008 p. 04).

No Brasil, o grande tema político nas primeiras décadas do século XX, foi as reivindicações do direito ao voto feminino. Estava à frente Bertha Lutz - uma representante da história feminista no Brasil - na qual uniu um grupo de mulheres da burguesia para propagar essa necessidade do voto. (BLAY, 2001).

De acordo com Probst (2003), com o estabelecimento do sistema capitalista, algumas mudanças despontaram na produção e na organização do trabalho feminino. E a partir de então, foram surgindo algumas leis que se voltaram para o amparo das mulheres, como o que ficou estabelecido na Constituição de 32, que:

Sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez (PROBST, 2003 p.02).

No contexto político brasileiro a mulher também se empenhou em lutar para conquistar seu espaço e pleitear seus direitos. Por volta da década de 70, surge no Brasil o movimento feminista, em um cenário de luta contra a ditadura. Foi demarcado desde o seu início pela “tentativa de influenciar, interferir e construir uma interlocução com o governo e agir no plano legislativo” (ABRAMO 2007, p. 268).

Diante de suas lutas, e, conforme a Constituição de 1988, a classe feminina alcançou relevantes avanços no que diz respeito à promoção dos direitos da mulher e da igualdade de gênero, onde:

Institui um marco normativo igualitário para homens e mulheres no âmbito da sociedade conjugal, reconhece a violência intrafamiliar como uma questão de governo, afirma o direito à livre escolha no âmbito da reprodução e avança na garantia de direitos no âmbito do trabalho,

incluindo o trabalho doméstico, a mulher rural, a extensão da licença-maternidade de 90 para 120 dias [...] (ABRAMO, 2007 p. 268).

Após inúmeras e incessantes batalhas por reconhecimento de igualdade de gênero, as mulheres foram lentamente despontando no mercado de trabalho, chegando tempos mais tarde a assumir funções que jamais imaginava-se que uma mulher poderia ocupar, inclusive cargos de alto escalão. (LIMA E CASTRO, 2015).

A atuação da mulher no mercado de trabalho brasileiro expandiu-se significativamente a partir dos anos de 1970, sendo até mesmo maior em nosso país a atuação da mulher no mercado de trabalho do que em outros países com índice igual ou maior de desenvolvimento mundial. (BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

A população economicamente ativa cresceu de 39,6% para 43,3%, compreendendo o intervalo de 1979 a 1989. Esse crescimento decorreu consideravelmente devido a inserção em série de mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos 70, de tal maneira que ao fim da década de 80, a população economicamente ativa era representada pelas mulheres na proporção maior que um terço. (BALTAR, 2008 *apud* BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Entre as décadas de 80 e 90 a porção de homens empregados no setor industrial aumentava em 5,7% ao ano, enquanto que a porção de mulheres aumentava em 8,2%, ou seja, a atuação feminina crescia exponencialmente (ABRAMO, 2007).

O autor revela que um dos fatores que contribuiu fortemente para a inserção e promoção da mulher no mercado de trabalho tem relação com a criação e desenvolvimento de métodos contraceptivos, como a utilização do anticoncepcional, uma vez que as mulheres passaram a ter opção de escolha, optando em ter ou não filhos, e se o tivessem, decidiriam quando e quantos teriam, desta forma poderiam conciliar casa e trabalho (BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Já com a chegada do século XXI, as inovações tecnológicas, a ideologia capitalista e a eclosão da globalização permitiram a promoção e o aperfeiçoamento das mulheres para o mercado de trabalho. Seja em posições de liderança ou técnica, as mulheres vem conquistando seu lugar. (BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

A inserção da mulher no mercado de trabalho também se deve ao seu nível de grau de instrução, agindo como um provedor para melhores posições nas empresas. Desta forma, considera-se que a educação seja um diferencial entre elas, uma vez que, as mulheres são as que mais se preocupam com a formação profissional em relação aos homens (AZEVEDO, FERNANDES & MENEZES, 2000 *apud* BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Com o aumento dos níveis de escolaridade, as mulheres puderam assumir novos desafios, e com maior qualificação, tornaram-se um elemento distinto dentro das organizações devido às inúmeras funções que são capazes de exercer (AZEVEDO, FERNANDES & MENEZES, 2000 *apud* BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Hoje, nos Estados Unidos e em grande parte do mundo, as mulheres estão numa situação melhor do que nunca. Apoiamo-nos nas conquistas das mulheres que vieram antes de nós, que tiveram de lutar por direitos que hoje consideramos dados (SANDBERG, 2013, p. 16).

A consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho tem contribuído para o aumento da sua responsabilidade no controle das famílias, assim como, elevando seu poder aquisitivo, seu nível de escolaridade e contribuído para uma notória redução na desigualdade salarial que até o momento existe com relação ao gênero masculino. (BAYLÃO e SCHETTINO, 2014).

Na perspectiva de gênero, o empoderamento das mulheres desafia as relações patriarcais no que se refere ao poder dominante do homem, a manutenção de seus privilégios de gênero e principalmente sua atuação dentro da família (MELO E LOPES, 2011 *apud* LIMA E CASTRO, 2015).

De acordo com Martins (2003 *apud* LIMA E CASTRO, 2015 p. 05), “a palavra empoderamento tem origem na língua inglesa *empowerment* e seu uso tem-se ampliado para o espanhol (empoderamiento) e para o português (empoderamento).”

O objetivo do empoderamento está mais voltado para a ampliação e fortalecimento do conhecimento humano, introduzindo-se por meio de oportunidades sociais, políticas e econômicas. O empoderamento também considera o poder na qual as pessoas estão envolvidas e de que forma ele acontece (LIMA E CASTRO, 2015).

Desta forma, dá-se início a uma quebra de paradigmas, no qual o homem começa a perder seu domínio sobre a mulher, e esta passa a ter livre arbítrio em suas tomadas de decisões, no que diz respeito ao seu corpo, sua sexualidade, suas convicções e sua liberdade (LIMA E CASTRO, 2015).

Em vista disso, no ambiente organizacional, as mulheres vêm rompendo barreiras e têm conquistado atribuições de cargos de direção com um estilo de comando mais democrático e horizontal, admitindo possuir características mais “responsáveis, adaptáveis, compreensivas e organizadas e com maior capacidade de estabelecer relações humanas, [...]” (ABRAMO, 2007 p. 87).

Tais características evocam ao verbo empoderar, uma vez que, segundo Martins (2003 *apud* LIMA E CASTRO, 2015 p. 02) “conota ação e poder. Para ele o conceito de empoderamento diz respeito à questão de autonomia, pois possibilita que os indivíduos discutam sobre as questões que dizem respeito a eles.”

Segundo Sandberg (2013), alguns dos obstáculos enfrentados pelas mulheres no mundo profissional podem barrar sua atuação de poder, como o machismo, a discriminação, o assédio sexual, e até mesmo as chamadas barreiras internas, que se reflete em ações destituídas de autoconfiança. Contudo, para que a mulher conquiste seu espaço, é essencial que ela se despoje desses obstáculos, além do que, para ocupar o topo, é importante exterminar esses entraves.

De acordo com a autora, “as mulheres no mundo desenvolvido estão em condições melhores do que nunca, mas a meta da verdadeira igualdade ainda não foi atingida.” (SANDBERG, 2013 p. 197). Desta forma, seria este o momento de estimular as jovens e adultas mulheres a conquistar seu lugar, enfrentando desafios e fazendo sua carreira acontecer.

Para as mulheres, com a abertura para sua inserção no mercado de trabalho e, não tendo de se dedicar exclusivamente aos afazeres domésticos, representa uma conquista e ampliação da autonomia para elas, enquanto para os homens, compartilhar das tarefas domésticas e com o cuidado para com os filhos ainda significa uma perda de prestígio. (CARREIRA, AJAMIL, MOREIRA, 2001).

Para Probst (2003, p. 6) “a expectativa é de que neste século, pela primeira vez na história, as mulheres superem em número os homens nos postos de

trabalho.” Isso expressa a ruptura da ideologia baseada na estrutura empresarial representada fortemente pela figura masculina desde a Revolução Industrial.

Contudo, ao lado de ideias e princípios favoráveis à presença mais valorizada e mais igualitária das mulheres no ambiente de trabalho, ainda existem os grupos de resistência, que fazem ressurgir o preconceito quanto à inserção das mulheres em determinados postos de trabalho, conforme Abramo (2007).

3.CONCLUSAO

Ao longo do tempo, as mulheres mantiveram-se submissas ao sistema patriarcal, onde eram educadas com o intuito de cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos e do esposo, exclusivamente. Anos mais tarde, após muitas lutas e reivindicações de sufragistas e apoiadores da classe pelos direitos femininos, as mulheres ganharam ânimo para defender seus ideais, almejando seu reconhecimento e notoriedade.

A sua inserção no mercado de trabalho se concretizou pelo fato de que as mesmas buscaram por maiores níveis de formação acadêmica e profissional, assim como que, com o surgimento da pílula anticoncepcional, a mulher obteve autonomia para estabelecer o momento propício para a constituição de sua família.

E com o despontamento do chamado “empoderamento feminino”, às mulheres têm sido delegado o poder em diversos ambientes, principalmente no que se trata de liderança organizacional, pois as mulheres vêm assumindo cada vez mais postos de liderança, atuando de forma competente e eficaz.

Portanto é relevante conceituar que a mulher assume um papel muito importante perante a sociedade e que, a mesma é auto-suficiente para galgar novos desafios.

9. Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma força de trabalho secundária?** 2007. 328 p. Dissertação (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/TESE LAIS WENDEL ABRAMO%20\(2\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/TESE LAIS WENDEL ABRAMO%20(2).pdf)>. Acesso em: 28 maio 2017.

BAYLÃO, André Luis da Silva e SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro.** 2014. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

BLAY, Eva Alterman. **8 de março: Conquistas e controvérsias.** 2001. Rev. Estud. Fem. [online]. vol.9, n.2, pp.601-607. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 de Agosto de 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo - Fatos e Mitos.** São Paulo: Difusão européia do livro. 4ª Ed. 1970. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

CARREIRA, Denise; AJAMIL, Menchu e MOREIRA, Tereza. **Mudando o mundo - A liderança feminina no século 21.** São Paulo. Editora Cortez. 2001.

D' ALONSO, Gláucia de Lima. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias.** Psicol. Am. Lat., México, n. 15, dez., 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400003>. Acesso em: 28 maio 2017.

LIMA, Gustavo João de Oliveira e CASTRO, André Luís de. **Embaixadinhas e empoderamento feminino: estudo de caso com trabalhadoras de uma operadora de plano de saúde.** 2015. Anais da semana de estudos Contábeis e de Administração UNESPAR. Disponível em: <<http://www.fafipa.br/site/index.php/component/content/article/264-noticias/noticiasadministracao/1410-anais-da-semana-de-estudos-contabeis-e-de-administracao-2015>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2017.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Santa Catarina, n. 2, p. 1-8, jan./jun., 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2017.

SANDBERG, Sheryl. **Faça Acontecer - mulheres, trabalho e a vontade de liderar.** 1ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.



Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva - FAIT

Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT

ISSN 1806-6933